

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



## “GUERRA SOU EU”<sup>1</sup>: REPRESENTAÇÕES ALEGÓRICAS POSSÍVEIS NO PROTAGONISTA BAITA, DE *GUERRA DENTRO DA GENTE*

Mayara Moreira Lima

UEG – Curso de Letras

Professora e pesquisadora da graduação

[mayaralym@gmail.com](mailto:mayaralym@gmail.com)

Viviane Faria Lopes

UEG/POSLLI/LINTERFACES

Professora e pesquisadora da pós-graduação e da graduação

[viviane.lopes@gmail.com](mailto:viviane.lopes@gmail.com)

GT 7 (Leitura, Letramentos e Ensino de Língua Materna).

### RESUMO

A proposta deste trabalho volta-se à análise do protagonista Baita no livro *Guerra dentro da gente*, de Paulo Leminski, em que se faz possível a observação de como são usadas as representações alegóricas na trama para apresentar questões sociais e conflitos interiores do personagem, evidenciando anseios, sonhos e duras batalhas em busca de realizações pessoais. Ainda, por meio de sua trajetória, examina-se a identificação possível entre leitor e obra, vindo a firmar a importância estética da produção literária sobre o receptor dela, investigando-se tanto o aspecto da recepção estética quanto o da simbologia alegórica que as produções de fantasia tendem a fazer uso em sua composição. Sabendo-se da multiplicidade artística de Paulo Leminski, com suas artes diversas e seu legado ainda impactante, expõe-se a conceptualização teórica sobre recepção e a alegoria literárias, examinando, assim, por meio de excertos subtraídos do livro, as possíveis identificações entre a história e aquele que a lerá, em uma análise da jornada do herói, em que se explora sua busca pelo autodescobrimento e a interação com o mundo e as estruturas de poder que questionam a rigidez moral.

<sup>1</sup> LEMINSKI, 1991, p. 4

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



**PALAVRAS-CHAVE:** Representações alegóricas. Leitor e recepção. Lições reflexivas.

### **INTRODUÇÃO: “Achar a porta que esqueceram de fechar”<sup>2</sup>**

A obra *Guerra dentro da gente* é uma narrativa que apresenta um Leminski sonhador e, conseqüentemente, suas personagens são visionárias, corajosas e tenazes diante das adversidades da vida. Baita é o herói da aventureira narrativa, sendo impelido a fazer escolhas que o colocam em enfrentamentos desafiadores, de modo que suas decisões, ainda em meio à infância e à adolescência, irão induzi-lo por caminhos que pretendiam alcançar uma vida melhor, porém, mais do que isso, o compelirão ao encontro de si mesmo, em meio a conflitos interiores e realização de sonhos. Apresentando como ponto central a superação de desafios e o enfrentamento de batalhas individuais – comumente travadas dentro de si –, o personagem principal, ao longo da trama, é desafiado por lutas interiores, as quais se misturam aos desafios externos que o mundo propicia.

Apesar da classificação infanto-juvenil, a produção em questão é uma narrativa que provoca reflexões significativas, tipicamente as encontradas em obras escritas para leitores mais maduros, além de episódios de violências – também avaliados como painéis que não deveriam ser presenciados por receptores pueris. Conquanto, importa que consideremos relevante a perspectiva de Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quando aponta que “o menino é o pai do homem”<sup>3</sup>(ASSIS, 2010, p. 47), de modo a ponderar que o leitor pode, independentemente da idade, aprender e refletir sobre sua própria vida.

Dessa feita, explorando a relação possível entre produção literária e leitor, de modo a verificar e apontar as estimulações psíquicas e emotivas provocadas durante e após o processo

<sup>2</sup> LEMINSKI, 2013, p. 13

<sup>3</sup> Título do *Capítulo XI* do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



de leitura, esta pesquisa analisa excertos da obra apontada tomando por baliza teórica a estética da recepção. Toma-se por pressuposto, para tanto, a importância da experiência de leitura, do leitor enquanto participante ativo na construção do significado do texto, da corporificação de certos valores e representações e, conseqüentemente, do significado da obra literária vindo a ser moldado pela interação entre leitor e texto.

Apresentando-se um exame das retratações simbólicas que permeiam a aventura, a saber, a personagem Baita, analisa-se suas reviravoltas, explorando temas universais que vêm a impelir múltiplas interpretações, reflexões e inquietações. Dessa feita, as averiguações, sustentadas criticamente, buscam assegurar o valor literário da obra, quanto às diversas concepções simbólicas que apresenta, aos desassossegos reflexivos e ao repensar subjetivo sobre a própria jornada existencial de autoconhecimento.

#### **DESENVOLVIMENTO: “vim pelo caminho difícil”<sup>4</sup>**

De modo a se encaixar no modelo proposto por Campbell (2007), o herói de *Guerra dentro da gente* recebe um chamado para sair de sua zona de conforto e embarcar em uma jornada extraordinária e misteriosa. Por mais que, nos primeiros momentos, fique confuso ou indeciso, a negação ao chamado não é uma opção e, por isso, o jovem supera seus medos e dúvidas, cruza o limiar que o separa no mundo comum e adentra-se ao mundo desconhecido da aventura que o espera, que, de alguma forma, chama-o. Ainda que durante todo o caminho percorrido existam desafios e dores diversas, ele recebe ajuda de seres e situações inesperadas, que virão a contribuir com os enfrentamentos de provações. Desse modo e aos poucos, em meio a fugas, perseguições, perdas e violências, o protagonista aproxima-se do alcance do clímax da

<sup>4</sup> (LEMINSKI, 2018, p. 44).

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



aventura, da descoberta de seu propósito e do que o levou a sair, originalmente, do seu lugar de conforto, para, contudo, ouvir um chamado de retorno ao ponto inicial.

Uma saga permeada de dores e descobertas, todavia, que leva o protagonista ao início de sua jornada, é uma possibilidade constatada nos estudos literários (BRAIT, 1985; KOTHE, 1987; CANDIDO, 2009; CAMPBELL, 2007) e, por essa razão, Baita coloca-se como herói de uma viagem venturosa que, certamente, promoverá mudanças, conquistas e autoconhecimento. A exemplo, apreciemos o trecho em que ele chega ao mar:

(1)

*Baita só enxergava o mar. Seu coração batia com toda a força. Era a coisa mais bonita que ele já tinha visto. E ver o mar começou a lhe dar vontade de fazer grandes coisas, coisas do tamanho do oceano. (LEMINSKI, 1991, p. 28).*

Em sua imensidão, mistério e invencibilidade, o mar se apresenta a Baita como a alegoria de uma presença colossal que leva a mundos a serem desbravados. Ao se sentir atraído, com uma fascinação apaixonada, o jovem entende que deseja alcançar um lugar de grandiosidade e, para isso, deverá ousar por trilhas impensáveis e intempestivas (TINOCO, 2010).

Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 592).

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



O personagem central de Leminski vislumbrou no mar o início de sua jornada, não o fim, ou seja, apesar de constatar tantos trabalhadores mortos e mutilados por sua violência, ele, Baita, entendia que sua aventura estava no início, com aquela bravura da natureza vindo a lhe apontar os desafios a serem enfrentados, apontando que “as discrepâncias que continuamente surgem entre as perspectivas do herói e dos personagens menores provocam uma série de mudanças de posições no ponto de vista do leitor” (ISER, 1979, p. 127). O fluxo da vida também é representado por águas em movimento, de modo a indicar a constância das mudanças que perfazem caminhos e que criam situações não previstas (DINIZ, 2024), sendo assim, faz-se possível que o mar seja interpretado como limite, como fim da história ou, no caso da narrativa em apreço, como indicação para maiores desafios rumo à conquista.

(2)

*A vida no mar é dura e triste; dormir é fugir para a terra dos sonhos, a casa dos pais, os dias da infância* (LEMINSKI, 1991, p. 33).

Apesar do aviso a respeito da qualidade de vida a se ter nas águas salgadas, Baita e Kutala partirão juntos no navio, no qual o protagonista virá a passar por humilhações e ameaças de morte. Turbulento, imprevisível e, muitas vezes, doloroso, o destino nesse trajeto faz-se sem qualquer segurança de chegada, sem qualquer certeza de retorno. O sono é apresentado como uma forma de escape, um refúgio da realidade, onde pode ser encontrado um lugar de paz e tranquilidade, já que o “inconsciente envia toda espécie de fantasias, seres estranhos, terrores e imagens ilusórias à mente – seja por meio dos sonhos em plena luz do dia ou nos estados de demências (...)” e, por isso, importa que fiquemos “atentos com relação a essas imagens insubstanciais” (CAMBELL, 2007, p. 18-19).

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



As humilhações enfrentadas pelo protagonista estão presentes desde o início da trama, afinal, quando criança, precisava suportar as grosserias do pai e, agora, jovem, será escravizado e obrigado a trabalhos vergonhosos. Entretanto, a tentativa por alcançar o conhecimento sobre a arte da guerra irá lhe impulsionar, não lhe permitindo abrir mão desse propósito:

(3)

– Medo, eu? Nunca. Quer dizer, um pouco. Estou mentindo, quase morri de medo.

– E o que é que você fez para perder o medo?

– Pensei nos tigres. Eles também morrem de medo.

– E adiantou alguma coisa?

– Adiantou. Eu virei um tigre. Quando senti aquele medo entrando em mim, eu pus o medo para fora. E virei um tigre. É assim que eles fazem. Eu vi.  
(LEMINSKI, 1991, p. 21).

Apesar de todos os obstáculos, Baita demonstra uma determinação inabalável e decide seguir em frente, mesmo diante do medo, com essa persistência lhe demovendo das incertezas e do desânimo e vindo a lhe revelar uma força interior impulsionadora, na superar dos próprios limites (AREVALO, 2024). Verificamos, por esse viés, que os

caminhos da libertação só estabelecem sujeitos livres e a prática da liberdade só pode se concretizar numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. A libertação depende integralmente de posicionamentos de transgressão. (ANTUNES; SILVA; LIMA, 2019, p. 188).

As autoras acima referidas assinalam a importância de ações de rompimento e violação às determinações impostas para, assim, conseguir-se alcançar propósitos de visam a liberdade

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



almejada (ANTUNES; SILVA; LIMA, 2019). Ainda que, em sua trajetória, Baita tenha presenciado tantas pessoas entregues a um destino de rebaixamento e indignidade, ele, por sua vez, permaneceu no propósito do alcance de uma vida grandiosa, o que, assim, vem lhe imputar a sinalização de herói mitologicamente constituído (CAMPBELL, 2007).

Ao não negar o medo e buscar transmutá-lo, o protagonista de Leminski transmite informações para o leitor que, se atento e envolvido à trama, receberá e as utilizará em favor próprio, apesar de elas não virem explicitamente declaradas, afinal, a obra ficcional coloca em seus significantes uma mensagem que não será “verbalmente manifestada no texto”, todavia, carregada de “um produto derivado da interação entre texto e leitor” (ISER, 1979, p. 90). Ser heroico, por sua vez, está atrelado e agir de acordo com o que se faz importante diante da situação, porque “seguir os caminhos e descaminhos pelos quais a escritura transgredir o próprio poder da linguagem, reencenando-a e dando luz às diferenças, ao novo” (DINIZ, 2014, p. 58) pode, sim, firmar virtudes que destaquem predicados meritórios.

Nos últimos capítulos do livro, após Baita e companhia atravessarem a cidade dos vencidos, encaminham-se para o lugar dos vencedores: “A grande cidade”, em que o governo está sob a dominação do rei ditador. Nessas etapas da jornada, Leminski aponta, mais uma vez, um protagonista de nobres sentimentos, com sua bondade e compaixão seguindo intactas, já que nem mesmo a dor ou o sofrimento foram capazes de exterminar ou transformar suas qualidades, o que, para Campbell (2007), reforçará a constituição de heroísmo mitológico.

(4)

*Muito longe daqui, numa cidade feliz, num palácio todo iluminado, um rei, cercado por seus generais, está dando uma grande festa para celebrar sua vitória. Este rei é o homem mais feliz do mundo. Era como se ele já tivesse visto aquela cena. Baita não disse nada, estava com raiva do velho, que não*

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



*tinha pena da cidade queimada, das pessoas levadas como escravos, daquela destruição toda. E pensou: "Quando eu for um grande guerreiro, não vou fazer assim. (LEMINSKI, 1991, p. 41).*

O trecho pode ser lido como uma crítica ao poder absoluto e àqueles que o detêm, com a figura do rei representando os líderes que se beneficiam da guerra e da exploração enquanto ignoram o sofrimento do povo. A reação de Baita, por sua vez, destaca a importância da empatia e da compaixão diante das injustiças hegemônicas, pois, ao se colocar no lugar das vítimas, ele demonstra uma humanidade que falta ao regente.

Aspirações a mudanças são temas recorrentes nas obras de Leminski, em que versos, prosas e imagens indicam o desejo por um mundo harmonioso e, assim, *Guerra dentro da gente* exporá igualmente esses anseios autorais, “em que se multiplicam infinitamente as possibilidades de relacionamento” entre autor e leitor e, “daí, as possibilidades de constituição de significação, torna-se, na perspectiva do leitor, espaço ou meio de reflexão” (STIERLE, 1979, p. 160). De acordo com Iser (1997), a apreensão de uma narrativa ficcional pode ser uma atividade sem limites significativos, justamente por se tratar de uma produção firmada na conotação.

As ações de Baita colocam-no a questionar o governo vigente e suas leis, afinal, “[a] conduta do herói não pode ser subordinada às normas e, através da sequência de situações, as normas se reduzem a uma manifestação reificada da natureza humana” (ISER, 1979, p. 127), afinal,

Onde quer que o herói viole as normas – como sucede constantemente –, a situação resultante pode ser apreciada pela seguinte alternativa: ou as normas aparecem como a redução drástica da natureza humana, condicionando-nos a ver o tema do ponto de vista do herói, ou a violação apresenta as imperfeições da natureza humana, caso em que é a norma que condiciona o ponto de vista do leitor. (ISER, 1979, p. 127).

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



De acordo com os estudos de Iser (1979), as normas serão transgredidas pelo herói quando esse precisar de demonstrar suas virtudes e as demarcar enquanto novos princípios, momento em que “transformações desta espécie” aparecerão toda vez que o protagonista precisar agir como salvador e, então, “passa a formar o horizonte do ponto de vista do leitor” (ISER, 1979, p. 128). Ao chegar à cidade, Baita se depara com os símbolos irônicos de um governo injusto:

(5)

*Na entrada da Grande Cidade, havia uma grande estátua de uma mulher com uma tocha na mão.*

*Baita quis saber:*

*– Que estátua é essa?*

*– A estátua da Liberdade.*

*– Liberdade de quem? Liberdade para o Grande Rei fazer o que quiser com qualquer pessoa. (LEMINSKI, 1991, p. 44).*

Um símbolo universalmente reconhecido, aqui utilizado para ironizar a noção de liberdade, demarca que a reinterpretação de grandes monumentos sejam alegorias que demonstram como símbolos poderosos podem ser manipulados e utilizados para fins ideológicos. Na narrativa de Leminski, o rei, representando o poder absoluto, utiliza-se do símbolo para justificar suas ações opressoras, tendo por referência a crença de que sua construção hegemônica e sua função governamental permita-lhe fazer o que quiser. Ao fazer uso desse significante, o autor convida o leitor a refletir sobre o que realmente significa ser livre e como essa concepção pode ser distorcida e utilizada como ferramenta de controle, afinal, por meio das representações ficcionais é “possível construir conteúdos próprios desconhecidos e,

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



ao mesmo tempo, encontrar uma certa forma de expressar esses conteúdos sem precisar” os expor explicitamente (GALLIAN, 2017, p. 198).

Seguindo essa trajetória de ruptura, o protagonista virá a, por diversas vezes, sentir raiva de seu mentor, o velho Kutala. Verifiquemos um excerto que aponta esse sentimento:

(6)

*Baita começou a ficar de novo com muita raiva do velho que o tinha tirado de casa para aprender a arte da guerra, e até agora não lhe havia ensinado quase nada. ‘Ele me paga’, pensou. (LEMINSKI, 1991, p. 44).*

Esse fato marca um ponto de inflexão na narrativa, pois a raiva acumulada pelo personagem, somada à frustração por não ter aprendido o que esperava, leva-o a irromper com sua paciência e a considerar a possibilidade de se vingar de Kutala. Essa mudança de atitude desencadeia um conflito na trama, de modo a levar à reflexão sobre “o que é verdadeiro e bom no sentido universal e o que é verdadeiro e bom no âmbito subjetivo” (GALLIAN, 2017, p. 199). A sabedoria, que poderia tê-lo guiado a encontrar uma solução mais construtiva para o conflito, será obscurecida pela raiva e pelo desejo imediato de vingança, impulsionando Baita a agir de modo intempestivo e inconsequente, e, assim, prejudicando seu mestre. Deve-se avaliar que a produção literária tende a libertar “o indivíduo de sua sujeição às autoridades”, curando-o, “em particular, do obscurantismo” ideológico (COMPAGNON, 2009, p. 33).

Baita, diante de sua coragem e determinação, torna-se guarda do rei e, aos poucos, vai conquistando sua confiança. O tempo passa e nada o abala: nem lutas, dores, insultos ou inimigos. Importa que se considere, com a leitura de *Guerra dentro da gente*, que uma das maiores batalhas, tanto exteriores quanto interiores, vem a ser a busca pela liberdade de si e em si. O protagonista quis tanto ser um grande guerreiro que acabou, sim, por se tornar um dos

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



maiores, contudo, vindo a aprender a maior lição de sua vida: o que é o amor e como esse sentimento tem o poder de transformação e autodescobrimento. Apaixonado pela princesa, acaba reconhecendo a si mesmo quando entende o verdadeiro sentido para sua vida, de modo a demarcar que “a leitura de um livro de literatura proporciona a ampliação da experiência espaço-temporal, possibilitando o acesso a diferentes planos de vivência concomitantes àquele mais imediato da realidade cotidiana” (GALLIAN, 2017, p. 165).

O herói supera os desafios, as batalhas e, de certa forma, ele recebe sua “recompensa”, que nesse caso, é o entendimento em relação ao seu lugar no mundo. A maior guerra, essa dentro de si, já está por ser cessada e, por isso, o protagonista, em sua jornada, está preparado para a volta, iniciando a trajetória do regresso ao seu mundo de origem, mas não como antes, afinal, traz consigo a transformação e a sabedoria adquiridas na aventura.

(7)

*Um dia, já velho, resolveu:*

*– Vou voltar.*

*Livrou-se da espada e do capacete, montou a cavalo e sumiu na poeira.*

*Atravessou o mar e foi para a aldeia onde nascera.*

*(...)*

*Movido por um desejo estranho, começou a caminhar em direção a ponte. Era como um sonho.*

*Ele sabia o que ia acontecer ali.*

*O velho estava encostado na ponte.*

*Baita, calvo e com a barba toda branca, se aproximou.*

*O velho tirou uma sandália e a atirou lá embaixo.*

*– Vá apanhar minha sandália – o velho disse.*

*– Vá você - Baita respondeu.*

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



*E seguiu caminho.* (LEMINSKI, 1989, p. 62).

Baita, já velho, decide voltar à sua terra natal, o que simboliza o regresso às origens, uma tentativa de reconectar-se com suas raízes e com sua identidade primeira. A jornada de regresso pode indicar uma coleção de fracassos e, ainda, maiores dificuldades de chegada, porém, importa considerar que o “primeiro problema do herói que retorna consiste em aceitar com real, depois de ter passado por uma experiência de visão de completeza, que traz satisfação à alma, as alegrias e tristezas passageiras, as banalidades e ruidosas obscenidades da vida” (CAMPBELL, 2007, p. 215).

Como já apontado anteriormente, a ponte é um elemento decisivo na partida e, igualmente, o será na chegada, por ser representação de transição entre diferentes fases da vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986). Nesse momento de finalização da trama, virá a significar o ciclo já concluído do protagonista, em que vem à tona a constatação de que “[o] privilégio de toda uma vida é ser aquele que nascemos para ser” (CAMPBELL, 2007, p. 231). Em sua trajetória, o herói obtém sua principal conquista, que vem a ser o crescimento interno conquistado ao se deixar o outro partir, ao permitir que a perda e a ausência sejam demarcações de sucesso pessoal, conforme analisado por Benites (2013):

Para chegar até o total amadurecimento ao final de sua vida, o velho apresentou a ele o outro lado da vida, como a traição, a fome e a exploração e abuso de força e poder. Tudo isso servia para que ele entendesse outros valores que também seriam importantes para conhecer e aprender a arte prometida pelo Velho. A arte da guerra, que tanto foi procurada pelo menino Baita, foi mostrando que a guerra poderia não ser só a guerra dos homens, mas a guerra dentro dos homens. A guerra pode ser também a afirmação do amor e da paz, mesmo sem deixar de lado os valores de um verdadeiro guerreiro, como coragem (e medo), força (e fraqueza), fibra, dureza, virilidade e atenção. Heráclito dizia que “a guerra é o pai e o rei de todas as coisas”. A agressividade e a violência também são inerentes ao homem, assim como a luta pela sua preservação. A humanidade cresceu também com esses valores, e muitas vezes em função deles. Porém, a vida é um dom bastante precioso para que ela seja relegada somente a sentimentos vulgares onde só ódio e violência sejam preponderantes. E um dos maiores aprendizados que Baita teve, e o leitor também, é

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



que todos esses sentimentos se bem canalizados podem representar uma fonte de vida e não de morte. (BENITES, 2013, p. 6)

Baita abriu mão de se casar com a princesa Sidarta, para que ela pudesse seguir o próprio caminho, em liberdade, e, por isso, a batalha da não conquista tenha lhe sido a mais feroz de todas, quando, na verdade, teve de a travar consigo mesmo, de modo a renunciar o lugar do maior entre os maiores, como genro do rei e futuro senhor da cidade. No arremate da jornada, o protagonista retorna transformado, trazendo consigo o conhecimento, a sabedoria e a experiência adquiridos ao longo do caminho, além da carga das decisões tomadas para que outros pudessem vivenciar suas próprias jornadas. Ao se compreender que o autoconhecimento se dá em consequência à travessia do limiar, as mudanças e amadurecimentos advindos durante a trajetória encaminham, sempre, à descoberta de si mesmo, pois quando “o indivíduo se torna consciente de seus comportamentos, e talvez também dos fatores determinantes, surgem diversas vantagens, como o verdadeiro ‘ser livre’, o autocontrole e a possibilidade de modificar o seu comportamento” (BRANDENBURG; WEBER, 2005, p. 90).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS: “sofrer, vai ser minha última obra”<sup>5</sup>

As reviravoltas de Baita e Sidarta provocam uma resposta emocional nos leitores e podem servir como uma ferramenta poderosa para estimular o pensamento crítico, promover o debate e engajar de maneira significativa. A capacidade dos leitores de se identificarem com as personagens e seus conflitos pessoais ou morais é uma parte fundamental da experiência de leitura em textos literários, pois cria uma conexão emocional profunda entre o leitor e a obra, conforme constatam os estudos de Jauss, Iser e Stierle (1979). Os leitores frequentemente se identificam com personagens que têm características ou enfrentam desafios semelhantes aos

<sup>5</sup> LEMINSKI, 1994, p. 96

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



seus próprios, e esse fato resulta em empatia, fazendo com que os eles se preocupem com o destino das personagens e se relacionem de forma emotiva com suas jornadas (CAMPELL, 2007; TINOCO, 2010; DIONÍSIO, 2012).

Ao identificar-se com Baita e sua jornada, o leitor pode encontrar inspiração para superar seus próprios desafios e realizar seu potencial máximo (AREVALO, 2024), tendo em vista que não se tratam apenas de aventuras externas, mas também, de um processo interno de transformação, de aceitação de si e do outro, ou seja, ele escolheu trilhar o caminho difícil. Sendo assim, *Guerra dentro da gente*, além de estimular a imaginação instiga-nos a criar mundos pessoais, o que, de algum modo, proporciona a reflexão sobre a busca por si mesmo, por seus sonhos e seus anseios.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Josiene Camelo Ferreira; SILVA, Altina Abadia da; LIMA, Daniela Kedna Ferreira. Infância e adolescência uma análise da realidade subjugada: estratégia de redescritção do filme “A maçã”. In: KUNZ, Sidemar Alves da Silva; SILVA, Altina Abadia da; ANTUNES, Josiene Camelo Ferreira; LIMA, Daniela Kedna Ferreira. **Direito humanos & emancipação**. Volume II. Uberlândia: Culturatrix, 2019. p. 173-193.

AREVALO, Josinei de Souza. “**Guerra dentro da gente**”: da fragilidade à força. *Jornal Banquete*. 24 ago. 2022. Disponível em: [“Guerra dentro da gente”: da fragilidade à força](#). Acesso em: 30 nov. 2024.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Abril, 2010.

BENITES, Carlos. **Guerra dentro da gente – Paulo Leminski – Um artista eternamente em busca de paz**. Wordpress. Little black man is fire – Neginho é fogo! (e também branquinho) jul. 08, 2013. Disponível em: [Little Black Man is Fire - Neginho é Fogo ! \(e também branquinho\) | Just another WordPress.com weblog](#). Acesso em: 22 nov. 2024.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



BRANDENBURG, Olivia Justen; WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. **Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical**. Psico-USF 10 (1), Campinas, jun. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000100011>. Acesso em: 20 dez. 2024.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10 ed. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 2007.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, A.; ROSENFELD, A.; PRADO, D. de A.; GOMES, P.E.S. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 51-80.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. **Diccionario de los símbolos**. Editorial Herder, S. A. Barcelona: Anuario Filosófico, 1986.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução Laura T. Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

DINIZ, Diego Corrêa. **Do vazio ao gozo**: interseções entre o efeito estético e o prazer do leitor. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luis Costa (org.). **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aesthesis* e *katharsis*. In: LIMA, Luis Costa (org.). **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 63-82.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1987.

LEMINSKI, Paulo. **Guerra dentro da gente**. Ilustrações Júlio Mendonça. – 3ª ed. – São Paulo: Scipione, 1991.

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

STIELE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. *In*: LIMA, Luis Costa (org.). **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 133-188.

TINOCO, Robson Coelho. **Leitor real e teoria da recepção**: travessias contemporâneas. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

Realização:



Apoio:

